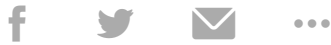


INTERNACIONAL

Varoufakis: “Uma crise branda e uma oposição sem brilho explicam a vitória de Passos”

16.10.2015 às 21h14

154



JEAN-PAUL PELISSIER / REUTERS

Diz que não é um “especialista em política portuguesa”, mas comenta-a: defende a legitimidade de um governo liderado pelo PS com o apoio da esquerda, classifica a estratégia eleitoral do Bloco de Esquerda como ligeiramente “populista” e afirma que Maria Luís

Albuquerque defendeu mais o seu percurso que os interesses da Europa nas reuniões do Eurogrupo. Entrevista de Yanis Varoufakis ao Expresso, que está em Portugal para uma conferência no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

**CÁTIA BRUNO****MICAEL PEREIRA**

Está surpreendido com o resultado das eleições em Portugal?

Não particularmente. O sucesso do Governo anterior em conseguir manter a sua porção de votos, dentro do razoável, deve-se a dois factores, pelo que vejo: primeiro, porque não há uma oposição de esquerda credível na Europa, em termos gerais – especialmente depois do que aconteceu aqui na Grécia, com o nosso Governo de esquerda a render-se. Em segundo lugar, Portugal, pelo menos visto daqui, tem estado numa crise constante há já muito tempo. E o vosso programa de resgate, ao contrário do nosso, não era tão austero. O grau de austeridade que vos foi imposto representa uma percentagem muito pequena do que foi imposto à Grécia. Por isso a combinação de uma crise branda (constante, mas branda, quando comparada com a que tivemos aqui) com a falta de uma oposição que pudesse instilar esperança de uma política diferente, explica o resultado. Mas o que é interessante é que a esquerda saiu-se razoavelmente bem, embora esteja fragmentada, e criou este impasse relativamente à formação de um governo.

Como democrata, considera razoável que o partido com mais votos não possa formar governo porque os restantes partidos representados no Parlamento se unem e formam uma coligação pós-eleitoral?

Isso é irrelevante. A democracia baseia-se na ideia de uma maioria, uma maioria absoluta de 50% mais um. Para mim o oposto é que é absurdo, com uma situação em que um governo é formado como no caso do Reino Unido – com o “First-past-the-post” [sistema eleitoral que beneficia matematicamente os maiores partidos] geralmente o que acontece é que uma grande maioria do povo está contra o governo ou pelo menos não o quer. Idealmente a democracia significa que o governo é apoiado por 50% mais um, por isso não é obrigatório que o partido com o maior número de votos tenha de formar governo. Se eu fosse primeiro-ministro, em qualquer país, querería ter

a maioria da população comigo e não apenas a maior percentagem de votos.



ALEXANDROS VLACHOS / EPA

O Bloco de Esquerda é geralmente apelidado de Syriza português e houve muita especulação de que as cedências de Alexis Tsipras o prejudicariam. Em vez disso, tornaram-se a terceira maior força política no Parlamento e têm a hipótese de ajudar a formar um governo. O que pensa disto?

Bem, Portugal é bastante diferente de Espanha, onde o Podemos, o Syriza de Espanha, foi prejudicado por nossa causa. Este partido em particular [Bloco de Esquerda] nunca se identificou tão claramente com o Syriza, embora no vosso país fosse chamado de Syriza português. Não sou um especialista em política portuguesa, quero deixar isto claro, mas pelo que oiço parece-me que a combinação de uma prestação sem brilho do Partido Socialista, aliado ao facto de os comunistas não terem conseguido inspirar [as pessoas], levou a que o partido que adotou uma abordagem um pouco mais populista acerca do resgate tenha conseguido mais apoio. Não um apoio esmagador, mas algum apoio.

Acredita que em Espanha o Podemos é um novo Syriza?

O Podemos e o Syriza são muito parecidos. Cresceram ambos como consequência dos protestos contra a austeridade e contra a crise. O facto é que,

e temos de ser honestos em relação a isso, o governo do Syriza, com a sua rendição em julho, infligiu um golpe profundo no Podemos. Eles ataram o seu destino ao nosso destino. Depois da desprezível tortura a que sujeitaram a 12 de julho o meu primeiro-ministro, Alexis Tsipras, que foi obrigado a render-se e a assinar um documento que vai ficar como uma nódoa na história da Europa, Rajoy pegou nesse documento e mostrou-o aos espanhóis, dizendo-lhes: esta rendição é o que acontece a todos que juntem a um partido como o Syriza. Portanto, o Podemos foi terrivelmente afetado por causa disso e não sabia como reagir. Deviam eles condenar as pessoas que se renderam? Ou deviam apoiá-las e dizer que o que foi imposto à Grécia não era assim tão mau? Foram colocados, assim, perante um grande dilema estratégico. Temos de admitir que nós, o governo do Syriza, criámos um enorme problema ao Podemos. Eles precisam de seguir em frente. Espanha é um país muito grande, mais importante do que a Grécia. Têm de encontrar formas de inspirar o povo. Mas se forem eleitos terão uma base muito diferente da Grécia e provocarão uma mudança no equilíbrio de poderes dentro do Eurogrupo. Caso contrário, a Espanha e o resto da Europa continuarão a sofrer.



YANNIS BEHRAKIS/REUTERS

Pode descrever-nos a forma como o Governo português atuou durante as negociações para o terceiro resgate grego?

Digamos que a única forma de o descrever é “à defesa”. A posição da minha cara colega Maria Luís no Eurogrupo foi a de simplesmente defender o seu percurso. Este é um problema que temos no Eurogrupo: toda a gente se preocupa consigo própria e ninguém se preocupa com a Zona Euro. Por isso nunca houve um debate sensato no Eurogrupo sobre a situação económica grega. Nunca. Porque de cada vez que um ministro falava, falava do ponto de vista daquilo que era politicamente relevante para si. E a Maria Luís era um desses ministros. Foi claro que a prioridade número um do Governo português era a de não ser visto como um apoiante do Governo grego, independentemente do mérito das opiniões ou propostas do Governo grego. A prioridade era não ser apanhado a reconhecer que as políticas que foram aplicadas na Grécia entre 2010 e 2015 (que, obviamente, foram muito semelhantes às que vocês tiveram em Portugal, mas numa versão mais dura) não tinham nada de errado. Por isso usarei a expressão “à defesa”. Estou a escolher uma muito branda, para evitar deixar implícito – o que seria muito verdadeiro – que o Governo português não estava preparado para reconhecer os factos.

Vai estar em Coimbra este sábado. De que é que vai falar?

Dado que vou estar perante uma audiência universitária, e porque sou um académico, vou falar enquanto professor durante um bocado e depois irei falar enquanto político. Vou tentar cruzar as lições tiradas dessas duas experiências. A experiência de tentar ensinar jovens a pensar livremente e de uma forma capaz de ajudar a sociedade, cruzando isso com a minha visão sobre até onde os políticos devem estar dispostos a ir e porque é importante assumirem um papel de whistleblowers. Os políticos devem expor o mal sempre que o encontram, devem ser combatentes da verdade em vez de conspirarem à porta fechada contra os interesses da sociedade.

Continua envolvido na política. Quais são os seus planos?

Uma coisa que aprendi com o meu envolvimento no Eurogrupo e no governo grego é que o nosso governo pode estar no governo mas não está no poder. São especialmente impotentes no contexto da União Económica e Monetária e da União Europeia. As decisões têm sido tomadas num vácuo de democracia, numa zona livre de democracia, na escuridão, de uma maneira completamente opaca para os cidadãos, gerando um défice democrático que é traduzido em políticas económicas terríveis. A Europa está a sofrer e os únicos que podem beneficiar disto a longo prazo são aqueles que não gostam da Europa: os racistas, os ultranacionalistas. O que importa agora é que nós europeus nos juntemos e discutamos os nossos problemas europeus fora do circuito fechado

da política nacional e dos partidos nacionais. É a isto que eu quero dedicar-me politicamente nos próximos meses e anos, criando um movimento europeu. Para democratizar a Europa outra vez.

Onde se vê daqui a dez anos?

Oh... não faço ideia. Mas continuarei a fazer o que acho que está certo. E espero que outros façam o mesmo.



ORESTIS PANAGIOTOU / EPA

“O GOVERNO ALEMÃO ESTAVA A PAR DO QUE A VOLKSWAGEN ESTAVA A FAZER”

“Não é a primeira vez que corporações multinacionais foram apanhadas a fazer coisas terríveis. Estamos constantemente a ver isso no sector bancário e, antes disso, vimos isso nos Estados Unidos com a Enron e vimos isso com a Siemens e o terrível escândalo de corrupção na Grécia, que infelizmente acabou sem punição porque o governo alemão nunca apoiou o nosso governo na perseguição dos responsáveis da Siemens que andavam de forma proativa a subornar políticos gregos.

O que é interessante neste escândalo da Volkswagen é que nos dá uma lição sobre a estrutura da União Europeia e as ligações entre os funcionários de

Bruxelas, os políticos nacionais e as grandes corporações. Deixem-me dar-vos alguns exemplos relacionados com a Volkswagen. As grandes reformas laborais que entraram em vigor no período do chanceler Schröder, as chamadas reformas Hartz, saudadas como a política que fez com que a Alemanha deixasse de ser um membro doente da Europa e passasse a ser uma economia pujante, foram desenhadas pela Volkswagen. Por [Peter] Hartz, o responsável pelos recursos humanos da Volkswagen.

Outro exemplo é a relação demasiado próxima e complacente entre esta multinacional e os reguladores, aqueles que supostamente deviam controlar as suas atividades. Sabemos agora que o governo alemão estava totalmente a par do que a Volkswagen andava a fazer anos antes de o escândalo se tornar público. O governo alemão e Bruxelas. Existe uma comunidade fechada formada por gestores de multinacionais e por burocratas que era suposto defenderem o interesse público na Europa.

Desde os anos 50, Bruxelas foi criada como uma tecnocracia para representar um cartel. Inicialmente era um cartel das indústrias de aço e carvão, que se foi alargando a outros sectores. Criámos uma burocracia em Bruxelas que está ao serviço de grandes multinacionais. É crucial aprendermos com o escândalo Volkswagen. “O sistema de financiamento europeu tem sido demasiado favorável às empresas multinacionais e às empresas privadas.”

Leia a segunda parte da entrevista a Yanis Varoufakis este sábado no caderno de Economia do semanário Expresso. em que o ex-ministro grego fala do cenário de

ordem o atual programa de resgate em vigor na Grécia, com uma eventual saída do Euro ainda no horizonte

Palavras-chave





Relacionados



Varoufakis pede perdão ao Podemos, ataca Tsipras e apela à mudança em Espanha



Varoufakis vem a Portugal dar “lição” sobre democracia

Comentários

MAIS ARTIGOS